

INSTITUTO  
 Documentação  
 Fonte: *Objeto (2º caderno)*  
 Data: *11/10/2003* Pg. *10*  
 Class.: *2002*

Deborah Berlinck

Correspondente • PARIS

**H**ervé Chandès, diretor da Fundação Cartier, em Paris, vai guardar na memória a imagem do índio ianomami Davi Kopenawa, em Paris, maravilhado diante de olhos humanos gigantes projetados por vídeo em enormes bolas de resina. E, dentro dos olhos, estáticos, imagens que evocam o mundo dos ianomamis — uma obra que o nova-iorquino Tony Oursler produziu sem nunca ter encontrado antes um índio.

— Davi ficou fascinado com isso. Os olhos têm um papel muito importante na mitologia ianomami. E Davi reconheceu num dos olhos o primeiro sonho que teve quando fez sua iniciação no xamanismo, ritual indígena que faz baixar os espíritos dos ancestrais — diz.

**Artistas foram à Amazônia para conhecer os índios**

Oursler é um dos 12 artistas da exposição “Yanomami, o espírito da floresta”, da Fundação Cartier para a Arte Contemporânea. A mostra é uma ousadia: não há uma peça de arte indígena exposta, nem cocar decorando salas. A exposição é o resultado de um confronto entre dois mundos diferentes: o dos artistas internacionais e o dos ianomamis da comunidade de Watiriki, na Amazônia. Os índios participaram do projeto explicando aos artistas seu mundo e seus ritos. Os artistas, então, partiram para o trabalho, com instalações de vídeo, fotografias, filmes, telas e esculturas.

Foram quatro anos de preparação e 25 viagens, que consumiram 450 mil euros. Alguns artistas nunca haviam ouvido falar nos ianomamis. Mas deu tão certo que a exposição, que acaba este fim de semana, deve seguir para o Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio, ano que vem.

— Na sua ambição, é a exposição, de longe, mais importante da Fundação Cartier. A forma de abordar o mundo dos índios é nova. Não há um olhar dominador ou observador sobre eles, no sentido antropológico ou exótico. Os ianomamis são parceiros da exposição — conta Chandès.

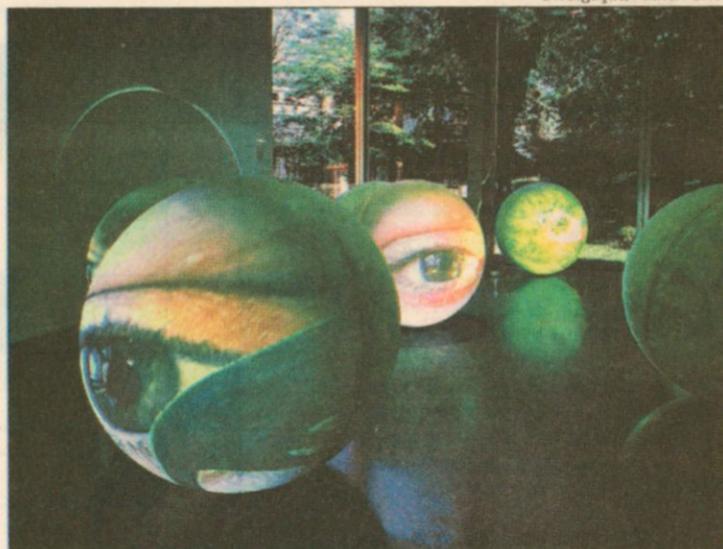
# A arte olha para os ianomamis

Fundação Cartier, em Paris, exhibe obras contemporâneas inspiradas no mundo do povo indígena

JOVEM IANOMAMI em foto da brasileira Claudia Andujar, que há 30 anos documenta os índios e cujo trabalho inspirou o curador Hervé Chandès

Divulgação/Patrick Gries

Divulgação/Vicente de Mello



OBRA DE TONY Oursler: os olhos emocionaram o índio Davi Kopenawa



CONTINGENTE IANOMAMI, de Adriana Varejão: terra demarcada

O catálogo abre com um texto chamado “Pessoas de perto, pessoas de longe”, do índio Davi Kopenawa. O sociólogo Claude Lévi-Strauss “ficou fascinado” com o texto, diz Chandès. Davi diz que as pessoas “de, perto” não querem saber dos ianomamis, destroem-nos, e nunca perguntaram como viviam seus ancestrais. Só as pessoas de longe querem conhecê-los e defendê-los. É, na realidade, uma mensagem nas entrelinhas para os brasileiros, que termina com

um apelo dramático para que o mundo não deixe que os ianomamis desapareçam.

O diretor da Fundação planejava inicialmente fazer uma mostra do acervo fotográfico da brasileira Claudia Andujar, que se consagra aos ianomamis desde os anos 70. Quando veio a Paris discutir o seu trabalho, Claudia apresentou a Chandès o antropólogo francês Bruce Albert, que fala a língua dos ianomamis e se hospeda vários meses por ano nas

comunidades indígenas, desde os anos 70. Das longas conversas entre Albert e Chandès surgiu o projeto. Albert contou que no mundo dos ianomamis as imagens não são materializadas, ficam no imaginário.

— Foi isso que me deu um clique. Nós, ao contrário dos ianomamis, estamos num mundo de imagens. Meu trabalho é mostrar as imagens. Eu pensei: como é possível um povo que vive sem imagem material? Eu não conhecia nada do mundo dos

índios, mas, por intuição, achei que dava para trabalhar a idéia — conta Chandès.

Albert pôs os artistas em contato com Kopenawa, a quem ele conhece há 25 anos. Cinco dos 12 artistas envolvidos na mostra preferiram não ir à Amazônia, caso do nova-iorquino Toni Oursler, que trabalhou com desenhos e filmes dos ritos que lhe enviaram e do parisiense Vincent Beaurin, que criou “Enseignes”, um trabalho colorido, brilhante,

A grande fonte de inspiração dos artistas foi o xamanismo. Os ianomamis xamãs cheiram um pó alucinógeno (yakoana) para fazer baixar os “espíritos” dos seus ancestrais, que curam os doentes e afastam o mal. Os espíritos, segundo eles, têm a forma de humanóides minúsculos, são ornamentados com penas coloridas e só se movimentam em enormes espelhos, sem jamais tocar o solo.

A partir disso, o japonês Naoki Takizawa produziu uma grande instalação com espelhos, inspirado nos desenhos de crianças. Já o nova-iorquino Gary Hill, estrela do vídeo, entrou fundo na experiência: foi à Amazônia, tomou o pó e produziu um vídeo onde ele parece estar em transe. O alemão Wolfgang Staehle, um dos pioneiros da arte multimídia, também se embrenhou na mata amazônica e filmou num plano fixo a aldeia durante 24 horas. Quem entra na exposição vê a enorme imagem que parece parada, mas não está: é a aldeia, em tempo real. Raymond Depardon, um dos fundadores da agência fotográfica Magnum, produziu para a exposição filmes e fotos. O nova-iorquino Stephen Vitiello fez um trabalho com os sons da floresta e da aldeia.

**“Uma resistência à uniformização do mundo”**

Há três brasileiros na mostra: a fotógrafa Claudia Andujar, com um impressionante trabalho fotográfico; a artista Adriana Varejão, com cinco obras; e Rogério Duarte do Pateo, estudante de antropologia da Universidade de São Paulo, que filmou os diálogos cerimoniais dos índios. Para Chandès, é uma exposição engajada na causa da preservação dos índios:

— Os ianomamis são uma resistência à uniformização do mundo. Ajudando-os a escolher seu próprio destino, acho que estamos nos salvando.

A Fundação Cartier está também colocando dinheiro num projeto montado por ONGs e o Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento, em Paris, que vai criar uma base de dados, a partir de imagens de satélites, que permitirá aos ianomamis conhecer melhor o território onde vivem. ■

Divulgação/Claudia Andujar